

# APROFUNDANDO A CONVERSA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CONFIAR

JOANA LEE RIBEIRO MORTARI

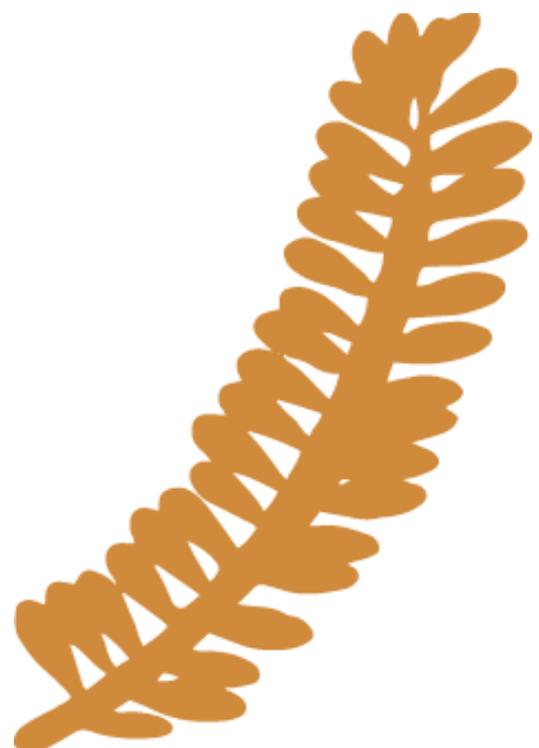
2022



# SUMÁRIO



Introdução: reconhecer, aprofundar, praticar.....	03
Confiança: características e desenvolvimento .....	04
Desafios relacionados ao desenvolvimento da confiança.....	07
O pensamento moderno: paradigma da separação, especialização e abstração .....	07
A corrupção sistêmica e escândalos que marcaram a história filantrópica brasileira .....	08
Caminhos para o desenvolvimento da confiança na filantropia brasileira.....	11
Diferentes formas de conhecimento .....	11
O desenvolvimento da habilidade de escuta.....	12
A construção dialógica da mudança social .....	13
Reflexões finais.....	14
Referências.....	15



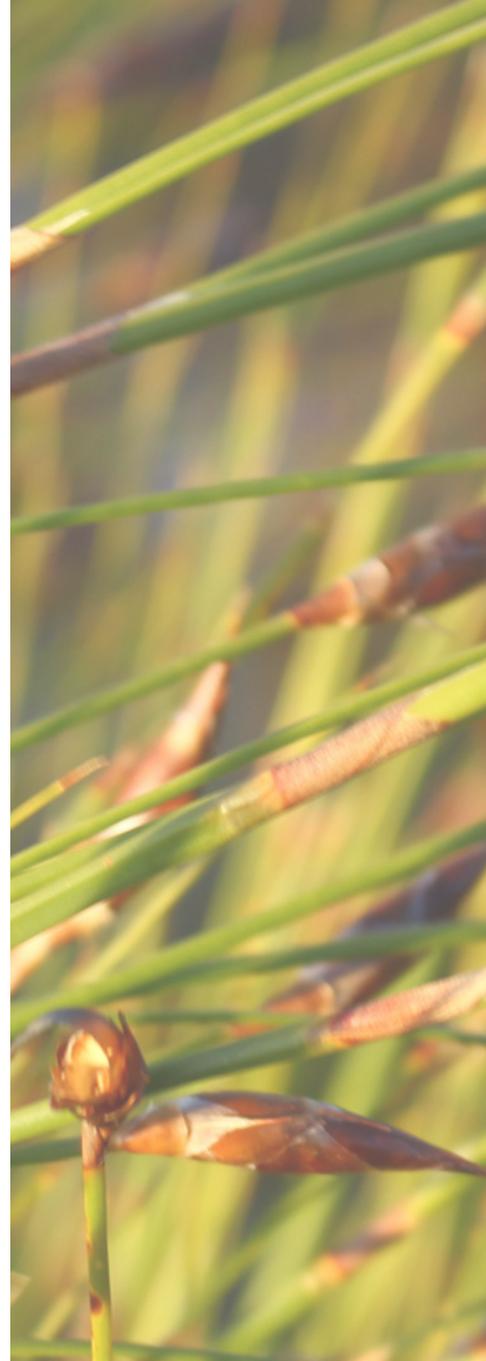
# RESUMO



Este texto é resultado de uma investigação sobre confiança e doação que parte do reconhecimento coletivo do campo filantrópico de que desafios relacionados à confiança precisam ser enfrentados para que avancemos. Publicado originalmente em três partes, esta compilação aborda o assunto sob dois aspectos: discute as dinâmicas que formam a confiança, para permitir que saíamos da fase de reconhecimento de que é preciso desenvolvê-la e passemos para a seguinte, de desenvolvimento de habilidades práticas; e trata da desconfiança sobre o setor social, lembrando e reconhecendo os eventos que formaram sua imagem na história do Brasil, para que possamos compreender e superar as dores do passado.

## /// ABSTRACT

This article is an investigation into trust and giving based on the collective recognition, by the Brazilian philanthropic sector, that trust-related challenges need to be addressed in order to move forward. Originally published in three parts, this compilation focuses on two key aspects: an in-depth look at the dynamics that form trust which will allow us to transition from recognizing the problem phase to that of developing necessary skills for such change; and an investigation of the distrust in the social sector, retelling and recognizing the events that formed such image in the history of Brazil, so that we can understand and overcome the traumas of the past.



## REALIZAÇÃO



## APOIO



## AGRADECIMENTOS

Agradeço o olhar sempre atento e a parceria de Ana Biglione e a revisão de texto por Gleice Guerra.

# INTRODUÇÃO: RECONHECER, APROFUNDAR, PRATICAR



“Nunca se doou tanto e nunca se falou tanto sobre doações no Brasil: o tema entrou na pauta de noticiários de todo o país, estampou capas de jornais e revistas. Para além dos números, as reflexões sobre como fazer *grantmaking* ganharam espaço e importância, e temas como apoio institucional, confiança e *grantmaking* participativo se apresentam como fronteiras a serem superadas e aspectos a serem desenvolvidos”

Sistematização do 11º Congresso Gife - Fronteiras da Ação Coletiva (GIFE, 2020, p. 2)



O desafio da superação da falta de confiança está registrado em conversas do 11º Congresso GIFE (2020), assim como nas duas últimas edições da pesquisa Brasil Doação, (IDIS, 2016 e 2021) e no documento de diretrizes para promover a cultura de doação no Brasil (MCD, 2020). Há, portanto, um reconhecimento coletivo no campo filantrópico de que desafios relacionados à confiança precisam ser enfrentados.

O momento pede que o assunto seja abordado sob dois aspectos: o primeiro, de aprofundamento no conhecimento das dinâmicas que formam a confiança, de modo a sair da fase em que estamos, a de reconhecer que precisamos confiar, e passar para a próxima, a de desenvolvimento de habilidades práticas para fazê-lo; o segundo, de investigação sobre a formação da imagem de desconfiança no campo social que identificamos hoje, reconhecendo os eventos que a formaram na história do Brasil e do mundo, a fim de compreender e superar as dores do passado.

Assim, a proposta deste artigo é a de visitar lugares mais distantes do que o campo da mudança social, começando pelo desenvolvimento da sociedade ocidental e, dele, para a filantropia brasileira, para que possamos formar uma imagem mais completa dos fatores que influenciam nossa habilidade de doar com confiança e, a partir disso, conseguir praticá-la. Assim, mais do que ferramentas que nos digam como doar, a intenção aqui é entender quais das dinâmicas de pensamento presentes em cada um de nós e na nossa sociedade podem estar inadvertidamente agindo sobre a forma como doamos.

Seguimos, assim, a trilha proposta pelo 11º Congresso Gife, em busca de novos paradigmas para a ação coletiva, conscientes de que habitam águas profundas e que é lá que precisamos chegar.

# CONFIANÇA: CARACTERÍSTICAS E DESENVOLVIMENTO



“Confiança - o senhor sabe - não se tira das coisas feitas ou perfeitas: ela rodeia é o quente da pessoa” - João Guimarães Rosa (ROSA, 2019)



Confiar tem o sentido de acreditar em algo ou nas intenções de alguém e, também, de atribuir um fazer a alguém. A palavra vem do latim *fidere*, que significa “ter fé”. Confiar é um exercício constante, algo que fazemos diariamente em inúmeras situações e que, dependendo do caso, exige níveis diferentes de esforço e consciência. Quando eu aperto o interruptor de luz, confio que a lâmpada irá acender; quando mando minhas filhas para a escola, confio que estão recebendo uma educação que condiz com o que escolhi. A verdade é que eu não sei exatamente como a eletricidade chega na minha casa ou o que acontece na escola, porque o mundo não é totalmente translúcido para mim.

Assim, a primeira característica da confiança que temos que reconhecer que ela só existe e se faz necessária quando não enxergamos a totalidade da situação. Ou, em outras palavras, confiar não é saber. Dessa maneira, nossos sentidos estão a todo tempo fazendo leituras sobre as situações que se apresentam em nossas vidas, pessoais e profissionais, e avaliando, com maior ou menor nível de consciência, o quanto é saudável confiar.

Do mesmo modo que nossas pernas precisam de musculatura para andar, nossa percepção de confiança requer que a exercitemos para que nos permitamos caminhar em direção ao incerto. A segunda característica da confiança é a demanda de um exercício constante, ativo - por oposição a um estado estático - e, assim sendo, ela habita o lugar da relação. Eu preciso me relacionar com a escola, com a linha pedagógica escolhida, com o corpo docente e até com a gestão escolar para manter a confiança no fazer da escola.

Confiar é considerado um verbo transitivo indireto pois ele pede um complemento, que pode ser: coisas (o interruptor de luz), pessoas (o corpo gestor e docente da escola) ou ideias (a pedagogia escolhida). No caso de pessoas, focamos nossa confiança em três distintas características, conforme o caso: em suas intenções, nos compromissos por elas assumidos ou em suas capacidades (conhecimento técnico) (BOS, 2010).

O desenvolvimento da confiança ocorre no decorrer da vida. Quando pequenos, aprendemos a confiar em nossas habilidades físicas (engatinhar, sentar, andar, falar), o que permite nos aventurarmos cada vez mais para longe de nossos cuidadores. Os ritmos do começo da vida, quando bem cuidados pelos adultos ao nosso redor, nos ensinam a confiar que nos será provido o que precisamos para sobreviver até que aprendamos, muito tempo depois, a conquistar nossa própria sobrevivência, em forma de trabalho e dinheiro (BOS, 2010).

Na infância, desenvolvemos as forças da imaginação, a “capacidade de fantasia e atribuição de forma num mundo interior próprio” (BOS, 2010, p. 41), e é por meio delas que mais tarde conseguimos imaginar o universo interno de outra pessoa: a imaginação é a força formadora da empatia. Na adolescência, desenvolvemos a confiança em nosso pensar e ampliamos nossas habilidades para o raciocínio analítico, lógico e abstrato. E nessa fase do desenvolvimento do cérebro humano que conseguimos

pôr em cena o mesmo pensar que informa o mundo. Só mais tarde na vida desenvolvemos o segundo ciclo da confiança: a autoconfiança, a confiança em nossas habilidades profissionais e a compreensão de que precisamos confiar em outros para exercemos plenamente nosso papel no mundo (BOS, 2010).

Com esse navegar sobre o desenvolvimento da confiança ao longo da vida, é possível apreender a enormidade da tarefa contida em uma só palavra. Ao dizer “precisamos confiar mais”, estamos tocando em algo extremamente complexo e sagrado da vida humana. Ao mesmo tempo que confiar está contido no nosso desenvolvimento ou, em outras palavras, nos desenvolvemos naturalmente em direção ao confiar, inúmeros acontecimentos ao longo das diversas fases da vida podem formar feridas nessa nossa habilidade intrínseca. Tais feridas fazem parte da forma como nos manifestamos no mundo e, conseqüentemente, de como doamos.

É essencial, para o desenvolvimento de relações de confiança, que haja um processo inicial, tanto individual quanto organizacional, reconhecendo as dificuldades e os medos que nos impedem de confiar, a fim de entendermos quais assuntos devem ser mais bem desenvolvidos internamente, em vez de projetarmos no outro o que é nosso.

### Reflexões sobre confiança e transparência

No campo da cultura de doação, a confiança e a transparência se entrelaçam de maneira complexa. Dar informações para o mundo é iluminar nosso fazer interno, tornando-o visível para quem está de fora. Isso é importante independentemente de representarmos organizações sociais, empresas ou esferas do poder público. A escuridão é, sem sombra de dúvida (com o perdão do trocadilho), um lugar de maior incerteza e dificuldade para o exercício da confiança.

De um lado, então, é pacífico que a escuridão não é desejável: queremos poder ver dentro de organizações para nos ajudar a dar passos, a confiar.

De outro, muitas vezes entendemos a transparência como caminho exclusivo para a confiança, como se o esforço para a confiança fosse do outro de se tornar translúcido, excluindo da equação a necessidade de eu exercitar a musculatura da confiança.

Partir desse princípio deixa nossa musculatura flácida e, como sociedade, nos faz girar em falso no desenvolvimento de uma das forças construtivas da vida social, a confiança. Como setor social, promovemos desigualdade quando atribuímos ao lado de menor poder a responsabilidade exclusiva sobre nossa própria confiança, exigindo índices elevados de transparência para apoiar financeiramente, uma vez que somente organizações sociais maiores conseguem obtê-los.

# DESAFIOS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO DA CONFIANÇA



“A desconfiança é agora o padrão da sociedade. Quase seis em cada dez dizem que sua tendência padrão é desconfiar de algo até ver prova de que é confiável.”

(EDELMAN, 2022, p. 1)

Com uma melhor compreensão do que é confiar e de como uma relação de confiança se desenvolve, é importante abordarmos alguns dos medos coletivos que, imbuídos no pensamento moderno, de uma maneira geral, e na corrupção sistêmica vivida no Brasil, mais especificamente, levam a doação brasileira a tender para a falta de confiança. Não são esses os únicos motivos que nos levam a pensar e a doar da maneira como o fazemos, mas identificá-los nos traz a consciência necessária para que possamos traçar novos caminhos.

## O pensamento moderno: paradigma da separação, especialização e abstração

Ao longo da vida, desenvolvemos diversas lentes através das quais passamos a enxergar o mundo: ambiente familiar, cultura, dinheiro, gênero, raça etc. Cada uma forma parte de nossa percepção de realidade (HOLLIS, 1993). É a partir da imagem de realidade que formamos que agimos no mundo, inclusive por meio da doação. Assim, a doação carrega, em si, componentes desse modo de ver o mundo. Identificá-los é tornar a escuridão mais consciente. Nas palavras de Carl Jung, “[...] um indivíduo não se torna iluminado imaginando figuras de luz, mas tornando a escuridão consciente”.

Em um passado distante, antes do desenvolvimento da agricultura, seres humanos viviam em conexão com a natureza e se moviam pelo planeta em coletividade, cuidando uns dos outros. A própria manutenção da vida humana dependia dessa proximidade entre indivíduos. Com o passar dos séculos, o desenvolvimento da pecuária e da agricultura, a industrialização e as mudanças nas relações de trabalho, passamos a viver cada vez mais distantes uns dos outros e, conseqüentemente, a saber cada vez menos sobre a realidade vivida pelo outro, suas reais necessidades e vontades.

A expansão da complexidade na vida humana, ao longo de nossa história, gera uma real impossibilidade de adquirir, a partir de vivências práticas, todo o conhecimento necessário, e passamos a substituí-lo por outro tipo de conhecimento; aquele produzido a partir de uma operação intelectual, que isola (e abstrai) elementos de seus contextos para poder analisá-los com profundidade.

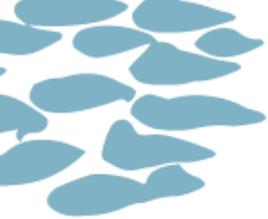


No âmbito da confiança, o paradigma da separação (a distância entre doador e beneficiário, por exemplo, ou da organização social e beneficiários, muitas vezes) gera uma compreensível dificuldade de leitura das reais necessidades do outro. É essa distância que acarreta a falta de informações para avaliar uma situação e, a partir de então, duas coisas acontecem: (a) sem elementos vivenciais (práticos) para guiar nossa percepção, abre-se um espaço para o medo de traição e, reativamente, nos defendemos exercendo controle sobre determinada situação; e (b) transferimos nossa confiança para dados de pesquisas, muitas vezes sem enxergar que eles são coletados e organizados por um ser humano a partir de uma visão de mundo. Dados podem ser objetivos, mas a forma como eles são coletados, organizados e analisados é decorrente de uma visão subjetiva de mundo.

### A corrupção sistêmica e escândalos que marcaram a história filantrópica brasileira

Aparentemente, confiar está cada vez mais difícil. Segundo dados trazidos pela pesquisa da Edelman (2022), vivemos uma crise generalizada de confiança em informações, em governos e na mídia. Mas, para além da fotografia atual sobre confiança, em países onde existem violência e corrupção sistêmicas, a lente da desconfiança perpassa há tempos os campos da vida pública e privada. Um estudo da Charities Aid Foundation (CAF, 2014) aponta que, de maneira geral, as organizações sociais são vistas com bons olhos, considerando serem movidas por causas e valores altruísticos, mas esse olhar da sociedade não está dissociado do contexto na qual opera e nas relações entre os setores. Ou seja, a imagem das organizações da sociedade civil é influenciada pela cultura mais ampla de confiança ou desconfiança do país onde atuam. Além do mais, “em países onde a confiança no governo é baixa, quanto mais controle os governos exercem sobre o acesso a organizações sem fins lucrativos, mais desconfiança o público tende a ter do processo e das organizações que o navegam com sucesso” (p. 6).

Se cercamos nossas casas (ou optamos por prédios), se preferimos lugares privados (clubes, *shoppings*) em detrimento de públicos (parques), se quando alguém nos pede dinheiro na rua suspeitamos de um golpe, se nos sentimos mais confortáveis doando cestas-básicas do que direcionando recursos financeiros para comprar comida, estamos olhando ao nosso redor a partir da lente da desconfiança e do medo. Não há aqui nenhuma intenção de crítica, mas de iluminar o fato de o ponto de partida, em países onde existe corrupção e violência sistêmica, ser a desconfiança. Reconhecer essa sombra é também compreender que, em tais lugares, nosso esforço para confiar tem que ser maior, mais musculatura é necessária. Ser difícil, no entanto, não deve se tornar uma razão para nos esquivarmos de construir relações com base na confiança.



Nesse sentido, quando nos relacionamos com uma organização social e dela exigimos inúmeras provas de idoneidade, talvez estejamos dando mais notícia de nós mesmos, da nossa lente da desconfiança, do que da reputação da organização social em si. Sem a consciência de que – seja pelo contexto mundial ou regional, seja pelo histórico – agimos a partir da desconfiança, nossa tendência é exigir que quem receba prove ser merecedor do recurso, mantendo o doador em lugar passivo de ser convencido e o donatário com o ônus de se provar superior à desconfiança. O esforço do donatário se soma ao efetivo trabalho de defesa de sua causa. E essa relação entre doador e organização social está enraizada de tal forma que é facilmente aceita quando, na verdade, é a expressão de uma dinâmica de poder estabelecida no campo filantrópico.

Quando deixamos de questionar premissas e tentamos remediar seus efeitos, acabamos por encontrar soluções que não enfrentam diretamente o problema, no caso a soma da desconfiança com a dinâmica de poder, mas as suas consequências. Curiosamente, uma das críticas da própria filantropia institucional e estratégica é a de que muito do que se faz no setor social foca em efeitos dos problemas sociais, não nas causas, sem se perceber aplicando a mesma lógica de pensamento.

No final dos anos 1980 e começo dos anos 1990, um esquema de desvio de recursos públicos que ficou conhecido como Anões do Orçamento escandalizou o Brasil. O dinheiro foi desviado por meio de três esquemas, sendo um deles o direcionamento de emendas parlamentares para parentes ou conhecidos dos políticos envolvidos por meio de organizações sociais. Esse não foi o maior escândalo de corrupção brasileira e nem foram as emendas parlamentares a maior forma de desvio de recursos públicos dentro do próprio esquema, que também contou com desvios via bilhetes "premiados" da loteria e comissões para empreiteiras por obras públicas. No entanto, no imaginário brasileiro, a imagem das organizações sociais saiu despedaçada. A terminologia organização não governamental (ONG) virou, para muitos, sinônimo de falcatrua.

No início dos anos 1990, o termo filantropia ganhou o apelido pejorativo de "pílantropia" em meio a escândalos de desvios de recursos da então Legião Brasileira de Assistência (LBA), que tinha como presidente a primeira-dama brasileira, Rosane Collor. Deixou uma mancha tão profunda na palavra filantropia que, por décadas, parece que a rejeitamos por completo.

Aqui caberiam ao menos dois parágrafos sobre as lições aprendidas, as mudanças legislativas que se seguiram e como o sistema de hoje não permite tão facilmente que organizações sociais sejam usadas como veículo de desvio de recursos públicos, mas não é o que vem ao caso agora. O importante é reconhecermos o trauma, a dor da traição.

Pode parecer contraditório falarmos de trauma quando falamos de confiança, mas será? No primeiro capítulo deste artigo, dissemos que confiar é dar um passo na direção do incerto. A verdade é que, independentemente de por onde caminhamos, o incerto pode trazer dor. No incerto, nossa confiança pode ser traída. O medo de traição é uma força que nos leva a criar justificativas racionais para caminarmos pela vida com desconfiança em nossas ações e em nosso doar.

Vimos que o medo de sermos traídos é o maior inimigo da confiança e, neste item, identificamos algumas de suas origens. Quando não sabemos que sentimos medo, nossa tendência é projetá-lo sobre os outros, sejam pessoas ou organizações, bloqueando o desenvolvimento de relações saudáveis. Em nossas práticas filantrópicas, tendemos a prender pessoas e organizações em lugares apequenados e servis e, muitas vezes, criamos narrativas de ineficiência e falta de transparência para justificar nossos padrões de desconfiança.



# Caminhos para o desenvolvimento da confiança na filantropia brasileira

"Filantropos sabem do que gostam e gostam do que sabem"  
Paul Vallely  
(VALLELY, 2020, p. 357)

Vimos até agora que a confiança não é um ponto fixo ou existe de um único jeito, e conseqüentemente não há um jeito "certo" de doar com confiança. Confiar não depende completamente de mim ou do outro, mas está entre ambos. Por isso, não há como se falar no desenvolvimento da confiança sem a etapa de revisitar processos internos da organização e, principalmente, aqueles que regem a relação entre quem doa e quem recebe recursos. E por mais redondos que se tornem os processos, é essencial nos mantermos atentos, eis que cada relação se desenvolve de maneira distinta, fruto de um encontro único entre organização doadora e donatária, não deixando que a relação adormeça em planilhas e relatórios. Ao olharmos para processos, quais passos podemos dar em direção a uma filantropia que parta da perspectiva da confiança?

## Diferentes formas de conhecimento

Quando eu comecei a trabalhar na Associação Acorde - Oficinas para o Desenvolvimento Humano, há 12 anos, conheci a Dona Ana. Todos os meses ela nos levava 10 reais para doar, a pé - 40 minutos em cada direção. Dona Ana não leu Spinoza, não estudou Paulo Freire e possivelmente não saberia dizer o que, exatamente, estava sendo proposto nas oficinas que seu neto João frequentava. Mas observava, sentia, percebia um João diferente de antes. João estava feliz e Dona Ana, tranquila.

Existe um tipo de conhecimento que vem sendo construído ao longo do tempo, acumulado e posto em prática, testado e aperfeiçoado, registrado em livros, ensinado em escolas e universidades e, principalmente, valorizado pela sociedade. E existe, também, um saber advindo da observação, da prática vivida por cada indivíduo em seu ambiente e que é acumulado e transmitido sem necessariamente ser registrado em textos, transmitido em escolas ou particularmente nomeado como conhecimento pela sociedade. É desse segundo tipo de saber que nasce o gesto de Dona Ana.

Podemos passar a vida sem nos dar conta das diferentes formas de conhecimento, mas quando adentramos o campo filantrópico, temos uma oportunidade de reconhecê-los, suas diferenças e complementaridades, que muitas vezes aparecem na forma em que doadores e donatários se relacionam. Doadores institucionais (e governo), dos quais as organizações sociais costumam receber a maior parte de seus recursos, são estruturados a partir da lógica do conhecimento técnico, enquanto muitas pessoas, comunidades e organizações sociais (especialmente as de base comunitária) se erguem a partir do conhecimento prático. Nesse encontro entre Rio Negro e Solimões, o doar se torna uma oportunidade de expansão das fronteiras do pensamento, do aquário social e cultural de cada indivíduo, e reconhecer que existe um conhecimento diferente do que aquele que nos formou é essencial no desenvolvimento da confiança.

## O desenvolvimento da habilidade de escuta



"Escutar requer de mim atenção, presença e a qualidade de acolher e apreciar, sem julgamento, sem pressuposições. Requer que me conecte com a pessoa ouvida, sem a ela me misturar. Requer que silencie minha voz interior. Que largue minhas certezas."

Anotações da autora durante a pós-graduação em Prática Social Reflexiva

A habilidade de escuta é um sentido social que permite nosso relacionamento com o mundo. Em sua essência, a escuta conecta nosso universo interno com o que está ao nosso redor, permitindo um encontro. No entanto, esse "encontro" nem sempre é facilmente percebido. Para Emily Kasriel, pesquisadora de escuta ativa do Instituto Marshall na Faculdade de Economia de Londres, "nossos cérebros são programados para extrair informações grosseiras e essenciais e avaliar rapidamente uma nova pessoa que conhecemos, baseando-nos em nossas experiências passadas. Antes mesmo de uma pessoa falar, o ouvinte já fez julgamentos sobre ela. Esses pré-julgamentos provavelmente serão mais extremos se eles assumirem que a pessoa que fala é diferente deles - que tem uma aparência diferente ou vem de um ambiente diferente" (KASRIEL, 2022, p. 5).

O encontro do universo interno de cada um com o mundo nem sempre é óbvio ou facilmente percebido, mas forma a lente pela qual nos relacionamos e fazemos sentido do mundo. Otto Scharmer, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e criador da Teoria U, fala em quatro diferentes níveis de escuta, que vão desde o simples *download* de informações até o que ele chama de escuta regenerativa, quando há uma vontade de quem ouve de mudar a si próprio ao se conectar com um propósito comum de quem fala, sem se deixar dominar por sua própria personalidade (WWP, 2020). Scharmer abre o conceito de escuta em "etapas de desenvolvimento", com base no nível de consciência da pessoa sobre seu universo interno, que vai do mais "desavisado" - em que carregamos a nós

mesmos inconscientemente durante a escuta – ao mais desperto – em que conseguimos aquietar nossa voz interna e nos desapegar do que já sabemos para, de fato, escutar o que está sendo dito por outra pessoa, ao mesmo tempo que estamos verdadeiramente abertos a nos transformar (WWP, 2020).

É a partir desse ponto de escuta aberta e ativa que podemos estabelecer uma relação de confiança saudável, que não controla nem delega completamente, quando reconhecemos a nós e ao outro e conseguimos conscientemente silenciar nossa voz interna e, assim, abrir espaço para o fazer do outro (BOS, 2010). Observamos, conversamos e ouvimos regenerativamente, como diz Scharmer, dispostos a encontrar um caminho que leve em consideração o conhecimento e vontades do doador e da organização social e comunidade atendida. É pela habilidade de escutar com a disposição de transformar a si próprio, a passar a ver a situação social sob a lente do conhecimento técnico e prático, que o universo das partes se expande em direção a uma doação estrategicamente alinhada.

## A construção dialógica da mudança social

“O altruísmo de algumas pessoas coloca  
outras pessoas sob seu poder”  
Emma Saunders-Hastings  
(SAUNDERS-HASTINGS, 2022, p. 40)



Por fim, o terceiro ponto a ser considerado é que um dos elementos constitutivos da filantropia organizada é a diferença de recursos, e conseqüentemente de poder, entre quem doa e quem recebe. É a partir dessa assimetria que se dá a possibilidade de um grande doador (institucional, familiar) colocar pessoas e comunidades sob seu poder, mantendo, ainda que sem intenção, uma estrutura social opressiva. A construção conjunta de objetivos entre doador e donatário horizontaliza o processo de mudança social, deixando para trás a premissa de que quem tem mais recursos, ou conhecimento técnico aprendido na educação formal, tem todas as ferramentas necessárias. Em outras palavras, dá-se início à transição da filantropia de base majoritariamente empírica, que nasce no começo do século XX, para uma filantropia que busca a construção colaborativa de soluções para problemas sociais.

Essa nova perspectiva “trabalha para construir um ecossistema de financiadores do setor social mais equitativo por meio de uma abordagem rigorosa que valoriza a construção de relacionamentos e o compartilhamento de poder sobre transações e controle. Ao dar às organizações sem fins lucrativos a capacidade de planejar, crescer e inovar em torno das

necessidades emergentes, ajuda a promover um setor social mais saudável e resiliente” (AVERY, 2022, p. 1). O escutar ativamente e o reconhecer do conhecimento comunitário tem o que Edgar Villanueva chama de característica curadora, ou seja, para além de uma reformulação da forma de praticar filantropia, um processo que reconhece diferentes tipos de conhecimento e tem por base na confiança, tendo o poder de extrapolar os limites do campo filantrópico e passar a ser um desvendador da mudança social para o paradigma descolonial, fortalecendo o tecido social (VILLANUEVA, 2021).

Por fim, é importante reconhecer que a construção dialógica da mudança social tem pelo menos duas vertentes: a do doador para a organização social e dela para a comunidade. Uma organização social que pleiteia confiança de seu doador pode estar, conscientemente ou não, repetindo padrões de poder ao não estabelecer diálogo constante com a comunidade atendida. Assim, o esforço de mudança aqui apontado é do campo como um todo, não apenas do doador.

## Reflexões finais

No 11º Congresso Gife - Fronteiras da Ação Coletiva (GIFE, 2020) registramos o reconhecimento de uma fronteira, um desafio a ser superado: o da falta de confiança. Neste artigo, compilado de uma série escrita a pedido do GrantLab, do GIFE, nos debruçamos sobre o tema, aprofundando nosso conhecimento sobre como uma relação de confiança se forma e se mantém, buscando um equilíbrio saudável entre as polaridades da desconfiança e da confiança cega, de maneira atenta e sem ingenuidade. Em seguida, olhamos para as dinâmicas presentes na sociedade brasileira que dão corpo e sustentam o paradigma da falta de confiança, trazendo luz à escuridão por meio do processo de conscientização, desenhando o caminho do desenvolvimento da mudança. Por fim, olhamos para a essencialidade da confiança nas relações, especialmente aquelas formadas por lentes culturais diferentes. O convite, agora, é para a experimentação. Para que cada um dê o primeiro passo possível em direção a uma sociedade que enxergue o potencial transformador de um doar que emancipa.



## REFERÊNCIAS

AVERY, C.; INFANTE, P.; LI, P.; SOLORZANO, B. We're here to clear the air on what trust-based philanthropy is and what it isn't. Alliance Magazine, 21 abr. 2022. Disponível em: <https://www.alliancemagazine.org/blog/clear-the-air-what-trust-based-philanthropy-is-isnt/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

BOS, L. 2010. Confiança, doação, gratidão: forças construtivas da vida social. 1a. ed. São Paulo: Antroposófica, 2010. p. 30-36.

CAF - Charities Aid Foundation. 2014. Future world giving: building trust in charitable giving. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/future-world-giving-building-trust-in-charitable-giving>. Acesso em: 1 jun. 2022.

EDELMAN. 2022. Edelman trust barometer. The trust 10 of 2022. Disponível em: [https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2022-01/Trust%2022\\_Top10.pdf](https://www.edelman.com/sites/g/files/aatuss191/files/2022-01/Trust%2022_Top10.pdf). Acesso em: 6 fev. 2022.

GIFE - Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. 2020. Fronteiras da ação coletiva: cultura de doação. 11º Congresso Gife. Disponível em: <https://congressogife.org.br/2020/wp/media/2021/05/22-CULTURA-DE-DOAÇÃO.pdf>. Acesso em: 6 out. 2022.

HOLLIS, J. 1993. The middle passage: from misery to meaning in midlife. 1st ed. Toronto: Inner City Books, 1993.

IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. 2016. Pesquisa Doação Brasil 2015. Disponível em: <https://www.idis.org.br/pesquisa-doacao-brasil/>. Acesso em: 6 out. 2022.

IDIS Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. 2016. Pesquisa Doação Brasil 2015. Disponível em: <https://www.idis.org.br/pesquisa-doacao-brasil/>. Acesso em: 6 out. 2022.

IDIS Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social. 2020. Pesquisa Doação Brasil 2020. Disponível em: <https://pesquisadoacaobrasil.org.br>. Acesso em: 6 out. 2022.

KASRIEL, E. 2022. Deep listening. Stanford Social Innovation Review. California: Winter 2022. Disponível em: [https://ssir.org/articles/entry/deep\\_listening#](https://ssir.org/articles/entry/deep_listening#). Acesso em: 1 jun. 2022.



MCD – Movimento por uma Cultura de Doação. 2022. Por um Brasil mais doador, sempre. Disponível em:  
[https://www.doar.org.br/\\_files/ugd/7ecc18\\_f153d0eaeba84f758e58b075e0242c07.pdf](https://www.doar.org.br/_files/ugd/7ecc18_f153d0eaeba84f758e58b075e0242c07.pdf). Acesso em: 1 jun. 2022.

ROSA, J. 2019. O grande sertão: veredas. 22ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

SAUNDERS-HASTINGS, E. 2022. Private virtues, public vices: philanthropy and democratic equality. 1st ed. Chicago: University of Chicago Press, 2022. p. 40 (Kindle Edition).

VALLELY, P. 2020. Philanthropy: from Aristotle to Zuckerberg. 1st. ed. London: Bloomsbury Continuum, 2020. 357 p.

VILLANUEVA, E. 2021. Decolonizing wealth: indigenous wisdom to heal divides and restore balance. Oakland, CA: Berrett-Koehler, 2021.

WWP – World of Work Project. 2020. Otto Scharmer's 4 levels of listening: be a better listener. Disponível em: <https://worldofwork.io/2020/10/otto-scharmers-4-levels-of-listening-be-a-better-listener/>. Acesso em: 1 jun. 2022.

